



Frankenstein de Mary Shelley' privilegia um aspecto central da obra original: a responsabilidade do criador perante sua criatura

O criador responde pela criatura?

Montagem do Grupo Liquidificador atualiza o mito de Frankenstein com questões que perpassam ética e responsabilidade

Mais de dois séculos depois de sua publicação, "Frankenstein" nos faz pensar no que acontece quando o desejo de criar ultrapassa a disposição de

responder pelas consequências da criação? É desse ponto que parte "Frankenstein de Mary Shelley", em cartaz até domingo (30), no Teatro III do CCBB, no Centro. A montagem do Grupo Liquidificador desloca o romance de 1818 para um presente atravessado pela intelligen-

cia artificial.

Com direção de Fernanda Alpino e dramaturgia de Fernando de Carvalho, o espetáculo põe Ana Quintas e Larissa Souza em cena para embaralhar as fronteiras entre Mary Shelley e sua criatura. A autora entra no palco como

personagem e se vê confrontada pelo ser que criou. A montagem se afasta das versões consagradas pelo cinema e recupera o conflito central do livro: a responsabilidade de quem cria.

A diretora liga esse embate ao presente. "Em 1818, Mary Shel-

ley já alertava para os perigos de um avanço tecnológico que não vem acompanhado de vínculo, ética e responsabilidade", afirma Fernanda Alpino. A fala dá medida à operação da peça: a inteligência artificial não surge como enfeite de contemporaneidade, mas para recolocar a pergunta de Shelley num mundo que delega a máquinas imagens, vozes, decisões e relações.

Essa escolha devolve à criatura uma dimensão que o imaginário do horror deixou em segundo plano. Ela não é somente o monstro de aparência aterradora, mas alguém que exige nome, escuta e reconhecimento. No espetáculo, esse pedido se encontra com uma discussão sobre corpo e memória: diante da noção de inteligência artificial, a criatura reivindica ter carne, osso, lembranças, solidão e amor.

Fundado em Brasília em 2010, o Grupo Liquidificador completa 15 anos com a montagem, depois de temporada na capital federal. A cena mistura aventura, palestra, comédia, drama, horror e ficção científica para preservar a ambiguidade do clássico: a invenção pode ser espanto e promessa, mas também abandono e violência.

Com 100 minutos de duração, Frankenstein de Mary Shelley transforma a figura criada por Mary Shelley em interlocutora de seu tempo. O monstro deixa de ser apenas a criatura e passa a habitar também o gesto de criar sem assumir o que vem depois.

SERVIÇO

FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY

CCBB Rio — Teatro III — Rua Primeiro de Março, 66, Centro
Até 30/8, sexta e sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Macunaíma vive

Oficina Estilhaça estreia no MUHCAB releitura imersiva do romance de Mário de Andrade, com vários corpos ocupando o lugar do 'herói sem nenhum caráter'

A Oficina Estilhaça estreia nesta sexta-feira (28), no Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB), na Gamboa, uma releitura do célebre romance que Mário de Andrade publicou em 1928. Tirar Macunaíma da estante e espalhar sua história pelos espaços de um museu dedicado à memória afro-brasileira nos leva a perguntar quem cabe na imagem de país que o modernismo ajudou a inventar?

Dirigida por Matheus Raineri e Mari Mello, a montagem é o segundo ato da Trilogia Antropofágica da Estilhaça, iniciada em 2025 com

"Encruzilhadas". O vínculo entre os espetáculos é devorar uma obra, fazê-la passar pelo corpo e devolvê-la transformada.

O herói de Andrade, célebre por não ter "nenhum caráter", já era uma criatura de muitas vozes, linguagens e metamorfoses: misturava mito indígena, oralidade, folclore, cidade e paródia numa viagem que nunca ofereceu uma resposta pacífica sobre o Brasil. A nova encenação radicaliza esse princípio. Em vez de um protagonista, surgem vários Macunaímas, vividos por um elenco de 14 atores. São corpos que coexistem, se atravessam e se contradizem, deslocando a

figura do herói para um campo mais plural — e mais conflituoso.

A peça se propõe a ocupar o museu junto do público, convertendo o deslocamento pelos ambientes em parte da dramaturgia. A plateia caminha e escuta uma obra que aproxima o livro das experiências periféricas, urbanas e populares do presente. "Macunaíma" sobrevive porque nunca foi uma figura confortável. Sua instabilidade está no DNA brasileiro, múltiplo, diverso e, por que não, contraditório.

SERVIÇO

MACUNAÍMA

Museu da História e Cultura Afro-Brasileira - MUHCAB (Rua Pedro Ernesto, 80, Gamboa)
De 28/8 a 11/9, às sextas-feiras (19h30) | Ingressos: R\$ 30



'Macunaíma' encarna as contradições do ser brasileiro